

A valorização e promoção das experiências pedagógicas extracurriculares

Ana Pereira, Carla Cibebe, Maria Rodrigues
Isabel Henriques de Jesus †

† Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Centro de Investigação em Educação e Formação (CIEF-IPS)
ana.pereira@ese.ips.pt; carla.cibebe@ese.ips.pt; rosario.rodrigues@ese.ips.pt

‡ Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
isabel.jesus@ese.ips.pt

Resumo

No âmbito do Ensino Superior, propomos uma abordagem educativa de carácter inovador, apresentando os objetivos e metodologia associados a uma Unidade Curricular (UC) denominada como *Carteira de Competências*, que faz parte dos planos de estudo das licenciaturas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE-IPS). Esta UC proporciona uma aprendizagem centrada em contextos extracurriculares, internos ou externos à escola, em diferentes âmbitos de intervenção, procurando-se uma aproximação dos alunos à comunidade envolvente.

A metodologia de trabalho e o modelo de avaliação utilizados na UC são flexíveis e adequados às especificidades de cada estudante, não se operacionalizando as horas de contacto através de aulas mas sim de sessões de trabalho com um professor tutor. A UC só se conclui após a obtenção de 5 ECTS ao fim dos três anos da licenciatura.

Desta forma apresentamos a caracterização dos objetivos e a forma de trabalho utilizados na UC *Carteira de Competências*, integrando também uma reflexão sobre este percurso, essencialmente promovida a partir da coordenação da UC e das coordenações de diferentes cursos.

Palavras-Chave: ensino superior, aprendizagem, desenvolvimento de competências.

1 Contexto

A ESE-IPS, apostando na necessidade de proporcionar aos estudantes situações de aprendizagem autónoma, e complementares ao currículo académico formal, desenvolve nas licenciaturas em Educação Básica, em Animação e Intervenção Sociocultural, em Comunicação Social, em Desporto, em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa e em Língua Gestual Portuguesa, uma UC denominada *Carteira de Competências*. A UC, embora integrada no currículo formal, não assume as características tradicionais das outras UC, pois não contempla aulas, mas um sistema tutorial de apoio. As horas de contacto do estudante traduzem-se, assim, na sua maior parte, em experiências de participação do estudante, com diferentes graus de autonomia, em associações, instituições, eventos, formação dentro ou fora da ESE ou em outras modalidades de construção de um percurso de aprendizagem.

2 Descrição da prática pedagógica

O plano de trabalho (natureza das atividades, forma de inserção, calendarização, ...) do estudante é negociado com o tutor, sendo junto deste que aquele deverá recolher orientação sobre as atividades a desenvolver, os relatórios a elaborar, as competências a adquirir e/ou a desenvolver no âmbito desta UC. Sempre que for julgado adequado, o estudante deverá apresentar ao tutor informação relevante sobre as suas motivações e projeto formativo, recorrendo, para isso, aos instrumentos de inquirição e de recolha de informação que o tutor considere úteis. A modalidade de trabalho predominante é de reuniões com o tutor, podendo estas ser individuais ou de pequeno grupo. Além disso, recomenda-se que o tutor realize também algumas reuniões de trabalho coletivas, com todo o grupo de tutorandos. A título de exemplo, e relativamente aos estudantes que frequentam o primeiro ano de um curso, essas reuniões podem ocorrer nos seguintes períodos:

Tabela 1: Exemplo da organização das etapas de trabalho

Sessão	Período letivo	Atividade
1. ^a	primeira quinzena de aulas - 1.º semestre	integração dos estudantes e prestação de esclarecimentos / informações
2. ^a e 3. ^a	janeiro e abril	esclarecimento de questões e dúvidas colocadas e regulação e apoio às atividades de aprendizagem

O número de ECTS a atribuir pelo professor tutor resulta do número de horas do trabalho desenvolvido pelo estudante, enquanto que a classificação é função da qualidade do trabalho desenvolvido. Assim, 1 crédito corresponde (aproximadamente) a 27h de trabalho do estudante e um menor número de horas à respetiva proporção/fração de créditos. A atribuição dos 5 créditos realiza-se ao longo dos diferentes anos do curso, uma vez que este tipo de experiências também se enriquece e aprofunda à medida que os estudantes se vão apropriando dos objetivos do curso. A distribuição dos créditos ao longo do curso é negociada e ajustada entre o estudante e o respetivo tutor. Será desejável que se aproxime de uma das seguintes hipóteses: 1 ECTS+2 ECTS +2 ECTS = 5 ECTS; 2 ECTS +1 ECTS +2 ECTS =5 ECTS; 2 ECTS +2 ECTS +1 ECTS = 5 ECTS

Os estudantes apresentam anualmente um relatório das aprendizagens realizadas nesta UC; este deve conter a identificação e explicitação das actividades desenvolvidas, apresentando uma componente descritiva e uma componente reflexiva. O relatório (ou os produtos que progressivamente nele se vão integrando) será classificado em função da sua qualidade, fruto das negociações entre tutor e estudante, fazendo-se o registo formal da classificação no final de cada ano letivo. Há, assim, duas etapas de atribuição da classificação:

1. *Pauta de progresso*: nos 1.º e 2.º anos do curso é divulgada até outubro, correspondente ao ano letivo anterior. É preenchida pelo respetivo tutor e integra todos os estudantes que esse tutor acompanha. Nesta pauta provisória constam os créditos obtidos por cada estudante e a respetiva classificação. Os tutores devem dar conhecimento desta pauta intermédia aos estudantes, coordenador de curso e coordenador da UC *Carteira de Competências*.
2. *Pauta final*: no 3.º ano, o estudante termina a UC quando obtiver 5 ECTS e uma determinada classificação. O tutor envia essa informação ao coordenador de curso que publicará a pauta final.

Considerando a natureza desta UC, não haverá possibilidade de a realizar por exame. Pode, contudo, haver lugar a processos de melhoria de classificação, através da reformulação de alguns produtos já apresentados e/ou à substituição de determinados produtos por outros de qualidade superior. De referir ainda que, em termos

organizacionais, cada professor tutor acompanha um grupo com cerca de 15 estudantes e, por esse trabalho, são creditadas na sua distribuição de serviço 15h. Os professores tutores devem possuir um vínculo com a escola, não devendo essa função ser atribuída a docentes com contrato parcial.

2.1 Objetivos e público-alvo

A criação desta UC advém da consciência de duas situações antagônicas vividas na ESE-IPS: por um lado, a maior parte dos estudantes apresenta percursos extremamente pobres culturalmente e com poucas experiências de vida em contextos não formais; por outro, uma minoria, tem um percurso já significativo ao nível da experiência profissional, do voluntariado, de iniciativas comunitárias, etc. Em relação aos primeiros, torna-se importante aumentar o seu contacto com uma diversidade de contextos reais, susceptíveis de enriquecê-los do ponto de vista pessoal, social e humano. Relativamente aos segundos, importa valorizar, ao longo dos três anos do curso, esse seu potencial e experiência adquirida. Muita dessa experiência, não sendo passível de ser formalmente reconhecida através de um processo de validação e de reconhecimento de competências, nem tão pouco validada nas UC tradicionais dos diversos planos curriculares dos cursos, encontra na UC *Carteira de Competências* uma forma de ser estimulada e reforçada. Em síntese, também se trata de dar realce à aprendizagem ao longo da vida e fora dos contextos mais formais de ensino (Alves, 2010; Pires, 2005).

A UC *Carteira de Competências* foi assim criada com o objetivo de enriquecer o processo formativo dos estudantes, incentivando-os a realizar aprendizagens e a adquirir competências em diversos contextos e situações – de natureza técnica/científica/profissional/artística e social/cidadania – desde que consideradas como significativas, relevantes e pertinentes (Alves, 2014). Ao longo do seu percurso formativo, o estudante poderá selecionar e participar em actividades de tipo diversificado, tirando partido do conjunto de oportunidades e de desenvolvimento que a própria sociedade proporciona e das iniciativas não curriculares que a escola oferece (exposições, seminários), que os próprios estudantes organizam (Tuna, Associação de Estudantes, entre outros) ou nas quais participam (por exemplo, órgãos de gestão). Desta forma, os estudantes são estimulados no desenvolvimento de diferentes actividades, nomeadamente nas vertentes:

1. Técnico/científico/profissional/artístico: participação/organização em/de actividades de âmbito diverso que permitam desenvolver e fortalecer aprendizagens nesses domínios (cursos, palestras, organização de eventos, visitas a museus, entre outras);
2. Social/cidadania: participação/organização em/de actividades de âmbito diverso que permitam desenvolver e fortalecer aprendizagens nesses domínios (voluntariado, participação em associações, participação em intercâmbios nacionais e internacionais, participação em associações de estudantes, conselho pedagógico, conselho de representantes, entre outras).

2.2 Metodologia

A metodologia de trabalho da UC, já referida no ponto anterior, estava relativamente estabilizada, Contudo, uma UC desta complexidade requer uma avaliação de resultados e de impactos, trabalho a que se deu uma maior consistência no ano letivo 2015/16. Considerando que não há avaliação sem o recurso a alguns procedimentos de tipo investigativo, apresentamos alguns dos instrumentos usados e os resultados obtidos. A existência da UC no contexto de vários cursos, a diversidade e a quantidade dos professores tutores envolvidos, e a ausência, nos primeiros anos, de implementação de uma coordenação clara, transformou o que era desejavelmente uma experiência de grande interesse, numa desilusão progressiva. As questões colocavam-se tanto do lado dos

docentes, sobretudo na forma como exerciam a função como tutores, como do lado dos estudantes. Estes evidenciavam dificuldades em realizar o percurso com autonomia e responsabilidade. De facto, o contexto inovador em que a UC se desenvolveu transformou-se numa complexidade acrescida para os estudantes. Apesar de serem acompanhados pelo seu tutor, apresentavam, por vezes, dificuldades na compreensão do tipo de atividades que podiam desenvolver, no estabelecimento de contactos com as instituições e na escrita de relatórios desta natureza.

A opção era melhorar o que se fazia ou desistir desta UC. Em 2015/16, finalizado o processo de acreditação da maior parte dos cursos da escola, a direção manifestou-se claramente pela melhoria do nível de concretização da UC *Carteira de Competências* (no processo de acreditação dos diversos cursos as comissões (CAE) posicionaram-se de forma diferente sobre ela: desde o rasgado elogio à recomendação de saída do plano curricular). Tomada a decisão de a manter, foi nomeada uma docente da ESE para a coordenar. De imediato, se deu início a um conjunto de reuniões que permitiram diagnosticar alguns problemas:

- a) Tendência para criar em cada curso um programa próprio em vez de seguir o programa comum;
- b) Aplicação de normas diferentes relativamente à atribuição de ECTS, critérios de classificação, validação das experiências dos estudantes, etc;
- c) Insucesso escolar na UC acima da média das outras UC;
- d) Inexistência de iniciativas comuns, agregadoras, motivadores para os diferentes cursos face à única UC idêntica que possuem.

Considerando a alínea c) relativamente ao aproveitamento dos estudantes nesta UC, verifica-se que o mesmo está bastante abaixo do que é obtido na generalidade das outras UC que integram as licenciaturas da ESE. Na Tabela 2 comparam-se as percentagens de estudantes aprovados em todas as UC de cada curso e os aprovados *na Carteira de Competências*, durante os anos letivos de 2013/14 e 2014/15. Nesta tabela não foram incluídas as licenciaturas em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa e em Língua Gestual Portuguesa porque, para cada uma delas, só foi possível recolher dados para um dos anos letivos.

Tabela 2: Percentagem média de aprovações nos dois últimos anos letivos

Licenciatura	Geral	Carteira de Competências
Animação e Intervenção Sociocultural	89%	66%
Educação Básica	81%	53%
Comunicação Social	62%	62%
Desporto	71%	59%

Conscientes desta e das outras dificuldades atrás mencionadas, os coordenadores de curso tomaram um conjunto de iniciativas com o objetivo de contribuir para a melhoria do sucesso na UC. Em dezembro de 2015 foi promovido o *I Seminário da Carteira de Competências*, dedicado ao voluntariado, com o qual se pretendia dar a conhecer aos estudantes algumas das instituições da comunidade onde podiam efetuar atividades deste âmbito. Este seminário teve uma adesão dos alunos superior às expectativas pelo que foi desde logo decidido continuar este tipo de iniciativas. O *II Seminário da Carteira de Competências* ocorreu a 3 de maio de 2016 e teve como objetivo criar um ambiente de tertúlia, procurando-se dar a conhecer aos estudantes o trabalho desenvolvido em diferentes contextos no âmbito da Carteira de Competências. Alguns dos alunos com um percurso bem-sucedido nesta UC partilharam com todos colegas as suas experiências. Criámos também um blogue (<http://cartcomp2015.blogspot.pt/>) para divulgar estas iniciativas e guardar a memória destes seminários. Já no final do ano letivo enviou-se a todos os estudantes que participaram nos dois seminários um questionário que, embora

incidindo sobre estes, incluiu também duas questões mais gerais sobre a *Carteira de Competências*.

2.3 Avaliação

O processo de avaliação interna que temos vindo a desenvolver nesta UC, pressupõe uma continuidade e monitorização dos instrumentos usados. Os questionários aplicados aos estudantes tiveram como objetivo avaliar o sucesso das atividades e tentar perceber as motivações e as dificuldades dos estudantes, assim como a auscultação de novas estratégias de intervenção junto dos tutores. Considerando um total de 552 alunos de cursos de licenciatura, os dados de participação do seminário foram os seguintes:

- Dezembro/ I seminário – 101 alunos;
- Maio/ II seminário – 46 alunos.

De salientar que a participação nos seminários teve carácter voluntário e que as inscrições foram individuais. A questão das datas e dos conteúdos parece-nos um elemento que suscita reflexão, mas não nos é possível, neste momento, saber exatamente se a menor participação no II seminário foi motivada pelo facto de ser numa data já próxima do final do ano, em que os estudantes estão muito menos disponíveis, ou por se tratar de uma partilha de experiências, eventualmente, menos valorizada pelos colegas. A aplicação dos questionários que contou apenas com 27 respostas é outra questão que temos que ponderar, não apenas em termos do instrumento (a relutância que há em preencher questionários) como do momento da sua aplicação (depois de terminadas as aulas). De qualquer modo, não desvalorizamos, bem pelo contrário, os resultados obtidos nestes 27 questionários, considerando que eles nos dão algumas indicações importantes. Apresentamos alguns dos seus resultados:

Tabela 3: Aspetos mais valorizados no I e II Seminário

I Seminário da Carteira de Competências	
"saber o que é o voluntariado e como o podemos desenvolver"	83.3%
"conhecer instituições em que se pode efetuar voluntariado"	75%
"compreender melhor a UC Carteira de Competências"	66.7%
II Seminário da Carteira de Competências	
"conhecer a experiência de outros colegas"	81.3%
"aprender como se faz o relatório"	68.8%

Tabela 4: Aspetos mais interessantes da UC

Conhecer o trabalho dos profissionais da nossa área
O facto de haver a oportunidade de desenvolver competências fora da nossa área
Permite-nos procurar mais informação e mais experiências para complementar o que aprendemos nas aulas.
A possibilidade de adquirir competências e experiências que mais tarde nos poderão ser úteis e que nos enriquecem enquanto pessoas.
O que acho mais interessante na carteira de competências, talvez seja o facto de podermos ganhar novas experiências e aprendizagens dentro e fora do IPS.

Tabela 5: Aspetos menos interessantes da UC

A realização de relatórios.
Não haver a oportunidade de realizar mais do que 2 créditos por ano
A forma como é apresentada inicialmente aos alunos e a falta de explicação da mesma.
O Número de créditos e as horas associadas a cada um, parece-me em certos pontos demasiado excessivo.
A elaboração dos relatórios é para mim a parte menos interessante, pois ocupa-nos muito do nosso tempo e temos de especificar muito daquilo que fizemos, do que aprendemos, como o fizemos, etc. Mas também sei que

é algo fundamental, e também de certa forma serve para fazermos uma análise do que fizemos até à data e para nós próprios termos a consciência do que podemos mudar futuramente.

Concluimos que tanto as iniciativas que realizámos como a própria UC são importantes e interessantes para os estudantes. Neste momento, não são ainda muito claras para nós as mudanças a efetuar, dadas as limitações dos dados recolhidos em termos de representatividade, contudo, acreditamos, que na continuidade do processo de monitorização isso se tornará mais evidente.

3 Transferibilidade

A UC *Carteira de Competência*, incluindo um sistema de tutorias, permite um acompanhamento individualizado do estudante ao longo do seu percurso autónomo de aprendizagem, através da monitorização de aspetos considerados fundamentais para a prossecução dos objetivos: a) alargamento dos contextos e situações em que o estudante se envolve; b) incentivo à reflexão sobre o percurso efetuado e as aprendizagens daí decorrentes e c) problematização da autonomia e das escolhas individuais como elementos pró-ativos no processo formativo. Consideramos que esta UC, não obstante os problemas que a sua implementação tem revelado, se pode perfeitamente considerar nos planos de estudo de outras instituições de ensino superior que identifiquem questões semelhantes às que estiveram na génese da sua criação na ESE de Setúbal. A UC organiza-se considerando um número de horas de contacto para os professores tutores, inserindo-se na sua distribuição de serviço, ganhando assim legitimidade. Parece-nos muito importante que não corresponda a uma iniciativa de um ou de outro professor ou a um sistema pontual de voluntariado ao qual apenas alguns aderem mas, sim, a uma estratégia integrada na organização que a todos os professores e alunos diz respeito.

4 Conclusões

Consideramos que esta UC é interessante, inovadora e que vale a pena investir nos processos que conduzam à melhoria da sua implementação na escola. Parece-nos ainda que o ensino superior deveria conter UC deste tipo, vocacionadas para uma relação com os saberes adquiridos com os estudantes num conjunto de experiências que vão para além das que são proporcionadas pelos docentes no âmbito das UC do plano de estudos de cada curso. Para além das outras vantagens que já fomos mencionando ao longo do artigo, há a referir a sua inserção em todos os cursos como um aspeto que permite perceber que há competências de natureza transversal que são importantes para qualquer diplomado pelo ensino superior. A monitorização dos processos e dos resultados não pode ser descurada e, com esse objectivo, iniciamos um caminho que deve ter continuidade.

5 Referências

Alves, M. (2010) *Aprendizagem ao Longo da Vida e Políticas Educativas Europeias*. Ed. UIED, FCT-UNL, Lisboa.

Pires, A. (2005) *Educação e Formação ao Longo da Vida: um estudo dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de competências*, FCT/Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Alves, M. (2014) *As dimensões formal, não-formal e informal em educação: visibilidade, relevância e reinvenção na pesquisa e ação educativas*, *Revista Medi@ções*, Vol 2, No 2, pp. 115-132.